Os achados **mais importantes da atualidade** que evidenciam o contexto bíblico

ARQUEO-LOGIA *da fé*

EVIDÊNCIAS DO **MUNDO BÍBLICO**

RODRIGO SILVA



Sobre o autor

Rodrigo Silva é doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Faculdade de Teologia N. S. Assunção (SP), doutor em Arqueologia Clássica pela USP, com pós-doutorado em Arqueologia Bíblica pela Andrews University (EUA). É graduado em Teologia e Filosofia e mestre em Teologia Histórica. É autor dos livros: O Ceticismo da Fé, A Bíblia de Alef a Ômega e A Enciclopédia Histórica da Vida de Jesus, Maria Madalena, entre outros. É apresentador do programa Evidências, da TV Novo Tempo, diretor do Museu de Arqueologia Bíblica (MAB) e mentor do curso A Bíblia Comentada.

Sumário



A importância da Arqueologia Bíblica

A Arqueologia é uma ferramenta fundamental para compreender melhor o mundo da Bíblia. Embora a fé não dependa exclusivamente de evidências materiais, as descobertas arqueológicas fornecem um pano de fundo histórico que enriquece nossa leitura das Escrituras e nos ajuda a visualizar os eventos e personagens que marcaram a história do povo de Deus. A cada nova escavação, fragmentos do passado emergem do solo para confirmar, esclarecer ou até desafiar certas interpretações bíblicas.

Ruínas de cidades mencionadas nos textos sagrados, inscrições que registram nomes de reis e eventos descritos nas Escrituras, selos e artefatos usados em cultos religiosos – todos esses achados arqueológicos nos transportam para os tempos bíblicos e mostram que a Bíblia não é um livro de mitos, mas um relato profundamente enraizado na história. Desde as tábuas cuneiformes da Mesopotâmia, que nos ajudam a entender o contexto de Abraão, até os manuscritos do Mar Morto, que preservam textos sagrados com impressionante fidelidade, a arqueologia lança luz sobre o ambiente cultural, político e religioso da época.

Além de confirmar detalhes históricos, a arqueologia nos permite compreender melhor os costumes e crenças dos povos vizinhos de Israel, como os babilônios, egípcios e fenícios, cuja influência é frequentemente mencionada na Bíblia. Conhecer esses povos nos ajuda a interpretar passagens bíblicas de maneira mais profunda e contextualizada.

Este livro apresenta algumas das mais fascinantes descobertas arqueológicas relacionadas ao mundo bíblico. Ao explorar esses achados, podemos perceber como a história e a fé se entrelaçam, tornando a leitura da Bíblia ainda mais viva e significativa.

Tumba de Tutmés II



Foto: New Kingdom Research Foundation

Egiptólogos descobriram a primeira tumba de um faraó desde que a de Tutancâmon foi encontrada, há mais de um século, por Howard Carter e sua equipe. A tumba do rei Tutmés II era a única tumba da 18ª dinastia egípcia que ainda não havia sido encontrada. E este não foi qualquer faraó, pois teve uma conexão direta com a história da Bíblia Sagrada.

Uma equipe britânico-egípcia localizou a tumba nos vales a oeste da Necrópole de Tebas, perto da atual cidade de Luxor, no Egito. Mas existe um detalhe muito importante na localização desta tumba. Os pesquisadores achavam que as câmaras funerárias dos faraós da 18ª dinastia estavam a mais de 2 km de distância, mais perto do Vale dos Reis.

A equipe a encontrou em uma área associada aos túmulos das mulheres da realeza, mas, quando entraram na câmara funerária, ela estava decorada — sinal de que se tratava de um faraó.

Estrutura da tumba

O diretor de campo da missão, Piers Litherland, explicou que "parte do teto ainda estava intacta: um teto pintado de azul com estrelas amarelas. E tetos pintados de azul com estrelas amarelas só são encontrados em tumbas de reis". Com certeza estes detalhes chamaram a atenção dos pesquisadores, que passaram a procurar mais detalhes sobre o faraó que foi sepultado naquele lugar.

Litherland disse que sentiu uma emoção muito forte no momento, já que a descoberta resolveu o mistério da localização das tumbas dos primeiros reis da 18ª dinastia. “A emoção de entrar nessas coisas é uma perplexidade extraordinária, porque, quando você se depara com algo que não esperava encontrar, é extremamente turbulento emocionalmente”, ele relatou.



Foto: Museu Nacional de Civilização Egípcia

Pesquisadores encontraram os restos mortais mumificados de Tutmés II há dois séculos, mas seu local de sepultamento original nunca havia sido localizado. O rei foi um antepassado de Tutancâmon, cujo reinado acredita-se ter sido de aproximadamente 1493 a 1479 a.C. A tumba de Tutancâmon foi encontrada por arqueólogos britânicos em 1922.
Tutmés II é mais conhecido por ter sido marido da rainha Hatshepsut, considerada uma das maiores faraós do Egito, e uma das poucas faraós mulheres que governaram por direito próprio. Litherland contou que a “escadaria enorme, e um

Pesquisadores encontraram os restos mortais mumificados de Tutmés II há dois séculos, mas seu local de sepultamento original nunca havia sido localizado. O rei foi um antepassado de Tutancâmon, cujo reinado acredita-se ter sido de aproximadamente 1493 a 1479 a.C.. A tumba de Tutancâmon foi encontrada por arqueólogos britânicos em 1922.

Tutmés II é mais conhecido por ter sido marido da rainha Hatshepsut, considerada uma das maiores faraós do Egito, e uma das poucas faraós mulheres que governaram por direito próprio.

Litherland contou que a "escadaria enorme, e um corredor descendente muito grande" da tumba sugeriam grandeza. "Levamos muito tempo para passar por tudo isso", ele disse, observando que o local estava bloqueado por detritos de enchente, e que o teto havia desabado. Considerando uma tumba tão antiga, os pesquisadores enfrentaram bastante dificuldade para chegar ao seu interior sem correr o risco de destruir o que estava contido nela.

Lá, eles se depararam com o teto azul e as decorações de cenas do Amduat, um texto religioso que era reservado aos reis. Este foi outro sinal importante de que eles haviam encontrado uma tumba real.

O Amduat

O Amduat, que significa “O livro do mundo inferior” ou “O livro do que está no além”, é um dos textos funerários mais importantes do Antigo Egito. Ele descreve a jornada do deus-sol Rá pelo submundo (Duat) durante as 12 horas da noite, antes de renascer no amanhecer.



Cat. 1776, Museo Egizio

O texto divide o submundo em 12 seções, representando as 12 horas da noite. Em cada uma delas, os antigos egípcios acreditavam que Rá enfrentava desafios e interagia com diferentes divindades e seres sobrenaturais, especialmente Apófis (Apep), a serpente gigante que representa o caos e a escuridão absoluta. Acreditava-se que os deuses e espíritos fiéis ajudavam Rá a derrotar Apófis, cortando a serpente em pedaços ou prendendo-a com redes mágicas.

Lá, eles se depararam com o teto azul e as decorações de cenas do Amduat, um texto religioso que era reservado aos reis. Este foi outro sinal importante de que eles haviam encontrado uma tumba real.

O deus Rá

Nome: Rá (ou Ré)

Título: Deus do Sol e criador supremo

- Principal divindade da mitologia egípcia, associado ao Sol e à criação do mundo.
- Era representado com a cabeça de falcão e um disco solar sobre a cabeça, simbolizando sua luz e poder divino.
- Considerado o criador do universo e dos deuses, surgindo do oceano primordial Nun.
- Viajaria pelo céu em sua barca solar durante o dia e, à noite, atravessaria o submundo (Duat), onde lutava contra Apófis, a serpente do caos.
- Combinou-se com outros deuses ao longo do tempo, formando figuras como Amon-Rá e Rá-Harakhti, reforçando sua supremacia na religião egípcia.
- Associado ao ciclo da vida, morte e renascimento, pois renascia todas as manhãs com o nascer do sol.

Culto e Legado:

- Adorado especialmente em Heliópolis, cidade sagrada dedicada ao seu culto.
- Faraós se consideravam filhos de Rá, reforçando sua autoridade divina.
- Sua influência permaneceu forte até o declínio do Antigo Egito e, mesmo após a fusão com outras divindades, sua imagem perdurou na cultura egípcia.

A partir desse momento, Rá chegaria ao lago de fogo e se fundiria com Osíris, o deus da ressurreição, ganhando força para renascer. No final da jornada mitológica, Rá emerge vitorioso ao amanhecer, garantindo a renovação da vida e a continuidade da ordem cósmica (Maat). Neste sentido, entendemos melhor o motivo de a escuridão ser uma praga tão amedrontadora para os antigos egípcios. A Bíblia nos diz:

“Então, disse o Senhor a Moisés: Estende a mão para o céu, e virão trevas sobre a terra do Egito, trevas que se possam apalpar. Estendeu, pois, Moisés a mão para o céu, e houve trevas espessas sobre toda a terra do Egito por três dias; não viram uns aos outros, e ninguém se levantou do seu lugar por três dias; porém todos os filhos de Israel tinham luz nas suas habitações.” Êxodo 10:21-23.

Para um egípcio antigo, a escuridão representava a derrota completa de Rá e a instauração do caos. Isso explica o porquê dos egípcios não se mexerem por todo o período da praga. A razão não era apenas a dificuldade de deslocamento, mas o medo desenfreado da ausência da proteção do deus-sol.

O Amduat era essencial para garantir a continuidade da luz e da ordem no cosmos. Quando Deus enviou a praga da escuridão, Ele atacou diretamente essa crença, mostrando que a escuridão não era apenas um fenômeno natural, mas uma prova do poder divino sobre o destino do Egito.

Um detalhe importante da tradição egípcia era que o Amduat era reservado exclusivamente para os faraós, pois acreditava-se que o rei, ao morrer, deveria seguir o mesmo caminho de Rá para alcançar a imortalidade.

O Amduat era frequentemente pintado nas paredes das câmaras funerárias dos faraós do Novo Império (c. 1550–1070 a.C.), como Tutmés III e Ramsés VI. Os textos eram acompanhados por ilustrações detalhadas, mostrando mapas do submundo, divindades e criaturas que apareciam ao longo da jornada.

Na tumba de Tutmés II, a presença de representações do Amduat confirma que o local pertencia a um faraó, pois esses textos eram usados para guiar os reis na vida após a morte.

Tumba esvaziada

Os egiptólogos começaram a trabalhar para remover os escombros diante da entrada da tumba, esperando encontrar restos mortais destruídos na sepultura embaixo. Mas "acabou que a tumba estava completamente vazia", afirmou Litherland. "Não por ter sido saqueada, mas porque havia sido deliberadamente esvaziada".

Eles descobriram então que a tumba havia sido inundada — "ela havia sido construída embaixo de uma cachoeira" —, apenas alguns anos após o sepultamento do rei, e que seu conteúdo havia sido transferido para outro local.

Eles descobriram então que a tumba havia sido inundada – “ela havia sido construída embaixo de uma cachoeira” –, apenas alguns anos após o sepultamento do rei, e que seu conteúdo havia sido transferido para outro local.

A inundação também afetou as decorações internas da tumba, danificando irreparavelmente muitas das pinturas nas paredes. Fragmentos de argamassa decorados com inscrições azuis e motivos de estrelas amarelas foram recuperados.

Devido a esses danos, acredita-se que muitos dos artefatos originais tenham sido removidos para protegê-los de maiores prejuízos. Fragmentos de vasos de alabastro com inscrições do nome de Tutmés II e de sua esposa, Hatshepsut, foram encontrados, representando os primeiros itens funerários associados a este faraó.

A conexão com Moisés

É interessante destacar que há fortes indícios de que Hatshepsut possa ter sido a mãe adotiva de Moisés, o personagem bíblico que, de acordo com o Antigo Testamento, foi salvo das águas do Nilo e criado dentro da família real egípcia.

Hatshepsut foi uma das figuras mais notáveis do Egito Antigo. Ela era filha de Tutmés I, um poderoso faraó da 18ª dinastia, e esposa de seu meio-irmão, Tutmés II. Quando Tutmés II faleceu precocemente, seu filho e herdeiro legítimo, Tutmés III, era ainda uma criança. Este não era filho da rainha, mas de outra das esposas do faraó. Hatshepsut assumiu a regência, mas logo se autoproclamou faraó, governando o Egito por cerca de 22 anos (1479–1458 a.C.)


Foto: Metropolitan Museum of Art

Para legitimar seu governo, Hatshepsut adotou os títulos e a iconografia tradicionalmente masculinos dos faraós, incluindo a barba postiça e o nemes (o toucado real). Ela também promoveu uma narrativa divina, afirmando que o deus Amon-Rá a havia escolhido pessoalmente para governar.

Seu reinado foi marcado por paz, prosperidade e grandes projetos de construção, incluindo o magnífico templo de Deir el-Bahari, em Tebas. Durante seu governo, documentos históricos indicam uma forte presença de um jovem príncipe criado na corte, que poderia se alinhar com o relato bíblico de Moisés.

O nome de Moisés

O nome Moisés (Moshe em hebraico) tem uma origem que intriga estudiosos há séculos. De acordo com o arqueólogo Rodrigo Silva, sua etimologia pode estar profundamente enraizada na cultura egípcia. A Bíblia, em Êxodo 2:10, sugere que o nome foi dado porque a filha do faraó "o tirou das águas", fazendo um jogo de palavras com o verbo hebraico mashah (tirar). No entanto, há evidências de que o nome tenha uma raiz egípcia mais antiga.

No Egito Antigo, o termo mose (mesu), presente em nomes como Tutmosis (Thut-mose, "nascido de Thot") e Ramsés (Ra-mose, "nascido de Rá"), significava "nascido de" ou simplesmente "filho". No caso de Moisés, o nome pode ter sido originalmente algo como Hapimose, que significa "nascido das águas", ou “nascido do deus Hapi", o Nilo deificado.

O importante para sabermos é que Moisés deixou para trás toda a sabedoria egípcia, os costumes e as práticas politeístas, para seguir o chamado do único e verdadeiro Deus.

Na época, os filhos das elites eram treinados na Casa da Vida, um centro de aprendizado egípcio, o que explicaria o profundo conhecimento de Moisés sobre a cultura egípcia ao longo de sua vida. Além disso, o fato de Hatshepsut ter sido apagada da história oficial do Egito após sua morte pode estar ligado a sua possível relação com Moisés, um líder que desafiou a autoridade egípcia e libertou os hebreus.

Estatueta de Senemute

Senemute foi um dos mais importantes funcionários da corte de Hatshepsut, servindo como arquiteto, administrador e tutor da princesa Neferure, filha de Hatshepsut e Tutmés II. Ele era uma figura de extrema confiança da faraó e deixou um legado significativo, incluindo a construção do templo de Deir el-Bahari.

A estatueta em questão retrata Senemute segurando Neferure no colo. O que chama a atenção é que Neferure está vestida com trajes masculinos. No Egito Antigo, a trança lateral da juventude, presente na representação da estatueta, era um penteado característico usado por meninos da realeza. Consistia em uma trança única que caía ao lado da cabeça, enquanto o restante do cabelo era raspado ou cortado curto.

Esse penteado era um símbolo de status e juventude, indicando que a criança era um herdeiro em potencial ou um membro importante da família real. Era comum em representações de príncipes, como Tutankhamon em sua infância.

A representação de Neferure como um menino também alimenta teorias sobre a possível conexão entre Hatshepsut e o relato bíblico de Moisés. Se Hatshepsut adotou Moisés e o criou como um príncipe egípcio, a estatueta poderia ser uma representação simbólica dessa adoção.



Réplica da estatueta de Senemute e Neferure

O faraó do Êxodo

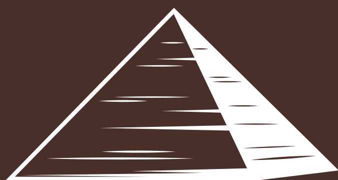
Tutmés III (reinado: 1479–1425 a.C.) foi um dos maiores faraós do Egito Antigo, conhecido por suas campanhas militares e expansão territorial. Ele assumiu o trono após a morte de Hatshepsut, sua tia e madrasta, que havia governado como faraó durante sua infância. Seu reinado marcou o auge do poder militar e político do Egito, com conquistas que estenderam o império até a Síria e o rio Eufrates.

Tutmés III também foi um grande construtor, responsável por grandes projetos arquitetônicos, incluindo ampliações no Templo de Karnak, onde registrou suas campanhas militares em detalhes.

A teoria que identifica Tutmés III como o faraó do Êxodo baseia-se em várias linhas de evidência:



Cronologia: O reinado de Tutmés III coincide aproximadamente com o período em que muitos estudiosos situam o Êxodo (século XV a.C.).



Contexto histórico: Durante seu reinado, o Egito era uma potência dominante na região, o que se alinha com a descrição bíblica de um faraó poderoso que se opôs a Moisés.



Hatshepsut e Moisés: Como mencionado anteriormente, Hatshepsut, que governou antes de Tutmés III, poderia ser a “filha do faraó” que adotou Moisés. Isso colocaria Tutmés III como o faraó que enfrentou Moisés durante o Êxodo.



Na tumba de Tutmés III, encontramos um texto a mais do que os comuns às tumbas faraônicas: um texto especial aos afogados.

Importância para a Arqueologia
A descoberta da tumba do faraó Tutmés II culmina mais de 12 anos de trabalho da equipe conjunta da instituição britânica New Kingdom Research Foundation, de Litherland, e do Ministério do Turismo e Antiguidades do Egito. A equipe já havia escavado 54 tumbas na parte ocidental da montanha de Tebas em Luxor, e também havia estabelecido as identidades de mais de 30 esposas reais e mulheres da corte.

“Esta é a primeira tumba real a ser encontrada desde a descoberta revolucionária da câmara mortuária do rei Tutancâmon em 1922”, declarou o ministro do Turismo e Antiguidades do Egito, Sherif Fathy. “É um momento extraordinário para a egiptologia e para a compreensão mais ampla da nossa história humana compartilhada.”

Tutmés III também foi um grande construtor, responsável por grandes projetos arquitetônicos, incluindo ampliações no Templo de Karnak, onde registrou suas campanhas militares em detalhes.

Quem foi Tutancâmon?
Nome: Tutancâmon (originalmente Tutancáton)
Reinado: c. 1332 –1323 a.C. (18ª dinastia do Egito)
Pai: Provavelmente Aquenáton
Famoso por:

- Restaurar o culto aos deuses tradicionais do Egito, após a revolução religiosa de Aquenáton.
- Ter seu túmulo descoberto intacto por Howard Carter em 1922, um dos maiores achados arqueológicos da história.
- Sua morte precoce e os mistérios sobre sua causa, incluindo teorias de assassinato, doença ou acidente.

Objetos icônicos: Sua máscara mortuária de ouro e os inúmeros tesouros encontrados no túmulo.
Legado: Apesar de seu curto reinado, tornou-se um dos faraós mais famosos devido à riqueza de sua tumba e ao fascínio moderno pelo Egito Antigo.

Para ir além:

1. **Leia Êxodo 10.**
2. **Leia o livro A Bíblia e o Antigo Egito, de Rodrigo Silva e Wiliam Cardoso.**
3. **Assista: A Bíblia e o Antigo Egito com Rodrigo Silva.**
4. **Confira a aula 7 do comentário sobre Êxodo na plataforma A Bíblia Comentada.**

Perguntas para reflexão

- Como a arqueologia e a egiptologia podem enriquecer a compreensão dos textos bíblicos? Quais são os limites dessa abordagem?

- Pragas do Egito como confronto cultural: Como as pragas do Egito, descritas no livro de Êxodo, podem ser interpretadas como um confronto direto entre o Deus de Israel e as divindades egípcias, como Rá?

- Moisés e a cultura egípcia: Como o possível treinamento de Moisés na corte egípcia, incluindo seu conhecimento da cultura e religião egípcias, pode ter influenciado sua liderança e sua mensagem ao povo hebreu?

- O que a praga da escuridão, em particular, nos ensina sobre o poder de Deus e a fragilidade das crenças humanas em divindades ou sistemas que não podem garantir a ordem cósmica?

Anotações

Tumba de Tutmés II



Foto: The Digital Restoration Initiative/Universidade do Kentucky

Os Papiros de Herculano são uma coleção de mais de 1.800 rolos de papiro descobertos nas ruínas da antiga cidade de Herculano, Itália. Esses documentos foram carbonizados pela erupção do Monte Vesúvio em 79 d.C., que soterrou a cidade juntamente com Pompeia.

A destruição de Pompeia foi um dos eventos vulcânicos mais catastróficos da história antiga. Quando o Monte Vesúvio entrou em erupção, enterrou cidades romanas sob toneladas de cinzas e rochas vulcânicas.

O desastre começou com uma explosão colossal, lançando uma coluna de cinzas e gases a cerca de 30 quilômetros de altura. Durante as primeiras horas, uma chuva de pedra-pomes caiu sobre a cidade, destruindo telhados e soterrando ruas. Muitas pessoas tentaram fugir, mas algumas buscaram abrigo em suas casas.

Por volta da madrugada do dia seguinte, fluxos piroclásticos – ondas de gás superaquecido e cinzas a mais de 700°C – avançaram pela cidade a velocidades de até 100 km/h. Quem ainda estava em Pompeia morreu instantaneamente por asfixia ou calor extremo. Os corpos foram rapidamente cobertos por camadas de cinza, criando moldes naturais preservados até hoje.



Maneira como ficaram algumas das vítimas de Pompeia depois da erupção do Vesúvio. Foto: Agência Frence Press

Ao contrário de Pompeia, Herculano foi coberta por fluxos de lava vulcânica e não apenas cinzas. Isso permitiu a preservação excepcional de materiais orgânicos, incluindo madeira, alimentos e até papiros, como os da Vila dos Papiros, que hoje estão sendo decifrados com inteligência artificial.

A descoberta dos papiros ocorreu no século XVIII, durante escavações na Vila dos Papiros, uma luxuosa residência atribuída a Lúcio Calpúrnio Pisão Cesonino, sogro de Júlio César. Em 2024, no entanto, os pesquisadores deram um grande passo no estudo desses papiros ao começar a utilizar inteligência artificial para decifrar o conteúdo carbonizado.

Se a vila realmente pertencia a Pisão, isso significaria que a biblioteca de Herculano era uma das mais importantes do mundo antigo. No entanto, como muitos textos ainda não foram decifrados, há a possibilidade de que a biblioteca contenha obras de outros filósofos e até mesmo textos científicos e literários perdidos.

Conteúdo e importância

A biblioteca encontrada na vila continha predominantemente textos filosóficos em grego, muitos dos quais associados à escola epicurista. Destacam-se obras do filósofo Filodemo de Gádara, identificado como autor de 44 dos rolos recuperados. Esses textos abordam temas como estética, poesia, retórica, teologia e ética, oferecendo uma visão aprofundada do pensamento epicurista e das disputas filosóficas da época.

Filodemo de Gádara (c. 110–35 a.C.) foi um filósofo epicurista nascido em Gádara, na região que hoje corresponde à Jordânia. Ele estudou na escola de Epicuro em Atenas e depois se estabeleceu em Roma, onde se tornou um dos principais divulgadores do epicurismo entre as elites romanas. Seu trabalho influenciou figuras como o poeta Virgílio e possivelmente o próprio Horácio.

Quem foi Epicuro?
Nome: Epicuro de Samos (341 a.C. – 270 a.C.)
Escola filosófica: Fundador do

A felicidade vem da busca pelo prazer moderado e pela ausência de dor (ataraxia e aponia).
O medo dos deuses e da morte é irracional e deve ser superado.
O universo é composto de átomos em movimento, sem intervenção divina.
A amizade é um dos maiores prazeres da vida.
Obras: A maioria de seus escritos se perdeu, mas trechos são preservados em cartas (como a Carta a Meneceu).
Legado: Influenciou pensadores como Lucrécio e foi combatido por filósofos cristãos devido à sua visão materialista do mundo.

Filodemo defendia os princípios do epicurismo, que pregavam a busca do prazer racional e a ausência de perturbação (ataraxia) como caminho para a felicidade. Ele criticava os excessos e a ambição desmedida, argumentando que a verdadeira felicidade não está na riqueza ou no poder, mas na moderação e na amizade.

Ele também era um dos poucos epicuristas que valorizavam a retórica e a poesia, diferentemente de muitos seguidores de Epicuro, que viam essas artes com desconfiança. Seus escritos revelam um interesse pela aplicação prática da filosofia à vida cotidiana e à política.

Desafios na preservação e leitura

Os papiros de Herculano, encontrados na Vila dos Papiros, passaram por tentativas frustradas de leitura ao longo dos séculos devido à sua extrema fragilidade causada pela carbonização, resultado da explosão do Vesúvio. Quando foram descobertos no século XVIII, arqueólogos e estudiosos tinham poucas técnicas para lidar com documentos tão delicados, e muitos experimentos acabaram piorando a condição dos manuscritos.



Papiro destruído durante tentativa de estudo. Foto: divulgação

Inicialmente, estudiosos tentaram abrir os papiros como se fossem manuscritos normais. No entanto, devido à carbonização intensa, eles eram incrivelmente frágeis e se desfaziam ao menor contato.

Algumas das técnicas testadas incluem:

- **Água de rosas** – Acreditava-se que a umidade ajudaria a soltar as camadas dos papiros, mas isso só os tornava mais propensos a desmanchar.
- **Mercúrio líquido** – Tentaram usar esse metal pesado para separar as folhas dos papiros, mas os resultados foram desastrosos.
- **Corte dos rolos** – Camillo Paderni, um dos primeiros estudiosos a trabalhar com os papiros, chegou a cortá-los ao meio, destruindo parte significativa do conteúdo.
- **Desenrolamento forçado** – Usaram pinças e lâminas para tentar abrir os papiros, o que frequentemente os quebrava em pedaços menores.

Essas tentativas destruíram muitos manuscritos e frustraram estudiosos, pois cada rolo continha fragmentos importantes de textos antigos.

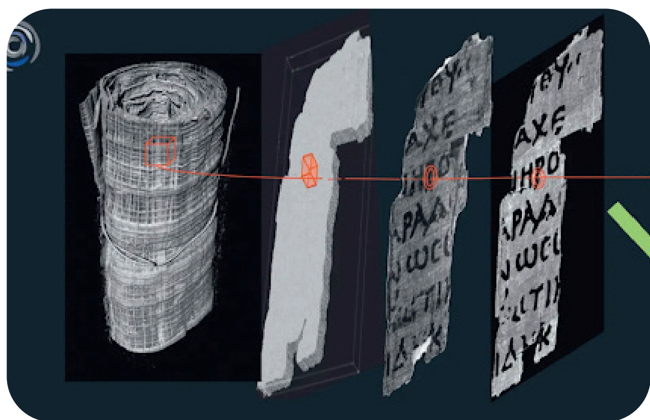


Foto: The Digital Restoration Initiative/Universidade do Kentucky

Com o avanço das tecnologias, técnicas não invasivas, como a imagem hiperespectral de infravermelho de onda curta, permitiram a leitura de textos sem a necessidade de desenrolar fisicamente os papiros. Em 2019, essa técnica revelou 150 novas palavras em um pergaminho sobre a história da Academia de Platão, destacando a eficácia dessas abordagens modernas.

A inteligência artificial (IA) também tem desempenhado um papel revolucionário na decifração dos Papiros de Herculano. Durante séculos, esses documentos carbonizados pela erupção do Vesúvio em 79 d.C. permaneceram ilegíveis, pois qualquer tentativa de desenrolá-los resultava em sua destruição. No entanto, avanços recentes em IA permitiram que pesquisadores começassem a ler o conteúdo desses textos sem precisar abrir fisicamente os rolos.

O processo envolve técnicas de tomografia de raios-X e aprendizado de máquina. O projeto Vesuvius Challenge, uma iniciativa de cientistas da Universidade de Kentucky, utilizou inteligência artificial para identificar a tinta invisível a olho nu e reconstruir as palavras contidas nos rolos carbonizados.


Tecnologias utilizadas no estudo dos Papiros de Herculano. Foto: divulgação.

Os pesquisadores treinaram a IA para reconhecer padrões sutis na superfície dos papiros e distinguir traços de tinta baseados em pequenas alterações na textura do material. Em 2023, o primeiro trecho de um desses papiros foi decifrado, revelando palavras em grego que sugerem um texto filosófico.

Os Papiros de Herculano representam um tesouro inestimável para a compreensão da filosofia e literatura antigas. Embora os avanços tecnológicos tenham permitido progressos significativos na leitura desses textos, grande parte de seu conteúdo permanece desconhecida. As iniciativas atuais, combinando financiamento privado e inovações tecnológicas, oferecem esperança de que, em breve, possamos desvendar mais segredos dessa biblioteca antiga, enriquecendo nosso conhecimento sobre o mundo clássico.

Relação com Atos 17

O relato de Atos 17 nos apresenta uma das passagens mais fascinantes da jornada missionária de Paulo: sua pregação em Atenas. Esse episódio é especialmente relevante porque mostra um choque direto entre o pensamento cristão e as principais filosofias da época, incluindo o epicurismo e o estoicismo – exatamente as mesmas correntes filosóficas representadas nos papiros de Herculano.

No século I d.C., Atenas ainda era um centro intelectual do mundo greco-romano, apesar de ter perdido sua importância política. A cidade era famosa por seus filósofos e pelo Areópago, um tribunal e local de debate onde ideias eram discutidas.

Paulo chega a Atenas enquanto espera por seus companheiros Silas e Timóteo. Ao ver a cidade cheia de ídolos, ele se sente profundamente angustiado e começa a pregar nas sinagogas e na praça pública.

Em Atos 17, lemos:

16 E, enquanto Paulo os esperava em Atenas, o seu espírito se agitava em si mesmo, vendo a cidade tão entregue à idolatria.

17 De sorte que disputava na sinagoga com os judeus e religiosos, e todos os dias na praça com os que se apresentavam.

18 E alguns dos filósofos epicureus e estoicos contendiam com ele; e uns diziam: Que quer dizer este tagarela? E outros: Parece que é pregador de deuses estranhos; porque lhes anunciava a Jesus e a ressurreição.

19 E tomando-o, o levaram ao Areópago, dizendo: Poderemos nós saber que nova doutrina é essa de que falas?
20 Pois coisas estranhas nos trazes aos ouvidos; queremos, pois, saber o que vem a ser isto

21 (Pois todos os atenienses e estrangeiros residentes, de nenhuma outra coisa se ocupavam, senão de dizer e ouvir alguma novidade).

22 E, estando Paulo no meio do Areópago, disse: Homens atenienses, em tudo vos vejo como sendo um tanto supersticiosos;
23 Porque, passando eu e vendo os vossos santuários, achei também um altar em que estava escrito: ao deus desconhecido. Esse, pois, que vós honrais, não o conhecendo, é o que eu vos anuncio.

Enquanto falava, Paulo chamou a atenção de dois grupos filosóficos principais:

Epicuristas – Seguiam a filosofia de Epicuro, acreditando que os deuses existiam, mas não interferiam no mundo. Buscavam o prazer moderado e a ausência de dor como o caminho para a felicidade, rejeitando a vida após a morte e qualquer ideia de juízo divino.

Estoicos – Fundados por Zenão de Cítio, defendiam a ideia de um cosmos ordenado pela razão (logos) e enfatizavam a necessidade de aceitar o destino com autodisciplina. Diferente dos epicuristas, viam um princípio divino ativo no universo.

Ambos os grupos reagiram à pregação de Paulo com ceticismo. Alguns disseram: “O que quer dizer este tagarela?” (Atos 17:18), enquanto outros achavam que ele anunciava “deuses estrangeiros”, porque falava de Jesus e da ressurreição.

Intrigados, levaram Paulo ao Areópago, onde ele fez um dos discursos mais brilhantes do Novo Testamento. Ele não começou citando as Escrituras, pois seu público não era judeu, mas apelou ao próprio contexto cultural e filosófico dos atenienses. As reações foram mistas. Alguns zombaram da ideia da ressurreição, um conceito estranho para os filósofos gregos. Outros ficaram curiosos e quiseram ouvir mais tarde. No entanto, um pequeno grupo creu, incluindo Dionísio, o areopagita, e Dâmaris, uma mulher notável de Atenas.

Os papiros de Herculano, que preservam textos epicuristas, são uma testemunha direta do pensamento filosófico que Paulo enfrentou em Atenas. Eles revelam as crenças de um mundo que rejeitava a ideia de um Deus pessoal, do juízo divino e da ressurreição – exatamente os pontos centrais da mensagem cristã.

A mensagem de Paulo encontrou solo fértil em alguns corações, mostrando que o evangelho podia penetrar até mesmo nos círculos intelectuais mais céticos da época. Assim, o episódio de Atos 17 e os papiros de Herculano são duas faces da mesma moeda: um reflexo da batalha entre a sabedoria humana e a revelação divina no mundo antigo.

Para ir além:

1. Leia Atos 17.
2. Leia o livro O ceticismo da fé, de Rodrigo Silva.
3. Faça o curso Bíblia Inteligente, da plataforma A Bíblia Comentada.
4. Assista: A filosofia grega e Jesus.

Perguntas para reflexão

- Por que os Papiros de Herculano são considerados tão importantes para o estudo da filosofia e literatura antigas? O que a preservação desses documentos nos diz sobre a erupção do Vesúvio e suas consequências?

- Como os princípios do epicurismo, como a busca pelo prazer moderado e a rejeição da vida após a morte, contrastam com a mensagem cristã pregada por Paulo?

- Por que Paulo escolheu começar seu discurso no Areópago com uma referência ao “Deus desconhecido”? Como essa abordagem se conecta ao contexto cultural e filosófico de Atenas?

- Assim como Paulo se angustiou com a idolatria em Atenas, quais são as “idolatrias” do mundo moderno que podem nos causar preocupação? Como podemos confrontá-las com a mensagem do evangelho?

Anotações

Templo solar em Azeca



Figura 11: Vista aérea do templo solar (Fonte: Divulgação/Sky View/Autoridade de Antiguidades de Israel/Universidade Hebraica)

O templo solar cananeu descoberto em Azeca, uma cidade fortificada no Vale do Elá, oferece uma visão fascinante das práticas religiosas dos povos que habitaram Canaã antes da chegada dos israelitas. Esse templo, datado de aproximadamente 1500 a 1200 a.C., revela a forte influência das culturas egípcia e mesopotâmica sobre a religiosidade cananeia. Junto ao templo solar de Azeca, uma estatueta de Baal foi encontrada, confirmando a prática do culto a deuses cananitas mencionados na Bíblia. A presença dessa estátua reforça os desafios enfrentados por Israel ao estabelecer sua identidade monoteísta.

A presença de elementos arquitetônicos e rituais voltados para a veneração do sol sugere um sincretismo religioso que envolvia o culto a divindades como Rá, Shapash (a deusa-sol fenícia) e o deus Baal, associado às tempestades, mas que também tinha conexões solares.

Deusa Shapash
Cultura: Fenícia e Canaã
Domínio: Deusa do Sol e da Justiça
Fonte principal: Textos de Ugarit
Atributos e Representação:

- Representava o Sol e era vista como uma deusa que iluminava o mundo.
- Chamava-se "Tocha dos Deuses", pois trazia luz e guiava os mortos ao submundo.
- Ligada à justiça divina, ajudava deuses e humanos em decisões morais.
- **Papel nos mitos:**
  Media conflitos entre deuses, como Baal e Mot, o deus da morte.
  Ajudava Baal a retornar do submundo, garantindo o ciclo das estações.
- **Influência:**
  Equivalente à deusa Šamaš na Mesopotâmia.
  Possível inspiração para divindades solares posteriores no Mediterrâneo.

Os restos do templo indicam uma construção retangular, seguindo o padrão de templos solares egípcios e cananeus. No interior, arqueólogos encontraram um altar de pedra central e evidências de oferendas queimadas, possivelmente sacrifícios de animais, comuns na adoração de divindades solares. Também foram encontrados fragmentos de cerâmica rituais, além de inscrições e símbolos ligados ao culto solar. O templo parece ter sido utilizado tanto para celebrações sazonais, como os solstícios, quanto para ritos de fertilidade e proteção da colheita, já que o Sol era visto como fonte de vida e abundância.



Figura 12: Pedra de calcário que era uma das bases do templo e refletia o Sol (Fonte: divulgação).

Contexto bíblico

Azeca não era apenas mais uma cidade cananeia no mapa do Antigo Oriente Próximo. Sua localização no Vale de Elá, entre a fértil planície costeira e a região montanhosa da Judeia, fazia dela um ponto de passagem obrigatório para qualquer exército que desejasse avançar entre essas duas áreas. Para os filisteus, cujo domínio se estendia pela planície litorânea (em cidades como Gaza, Asdode, Asquelom, Gate e Ecrom), controlar Azeca significava um passo fundamental para penetrar no território israelita.

No período dos juízes e do início da monarquia em Israel, os filisteus representavam uma ameaça militar constante, buscando expandir sua influência para o interior. Eles possuíam tecnologia bélica superior, com um exército bem-organizado e domínio da metalurgia do ferro, algo que os hebreus ainda não dominavam totalmente (1Sm 13:19-22). Azeca, portanto, era um ponto estratégico de controle para aqueles que quisessem governar a região.

É nesse contexto que encontramos 1 Samuel 17:1, situação em que os filisteus se acampam entre Socó e Azeca, preparando-se para uma batalha decisiva contra os israelitas, liderados pelo rei Saul. Aqui, no Vale de Elá, ocorre o famoso duelo entre Davi e Golias, um embate que simboliza não apenas um confronto militar, mas também uma disputa entre duas cosmovisões.

Golias, um gigante guerreiro da cidade filisteia de Gate, desafia os exércitos de Israel por 40 dias. Seu desafio era físico, espiritual e simbólico. Os filisteus adoravam deuses como Dagom, uma divindade associada ao grão e à pesca, e possuíam um panteão de deuses guerreiros. A própria armadura de Golias, descrita em detalhes em 1 Samuel 17:5-7, reflete essa superioridade tecnológica e o orgulho militar dos filisteus:

> Trazia na cabeça um capacete de bronze e vestia uma couraça de escamas cujo peso era de cinco mil siclos de bronze. Trazia caneleiras de bronze nas pernas e um dardo de bronze entre os ombros. A haste da sua lança era como o eixo do tecelão, e a ponta da sua lança, de seiscentos siclos de ferro; e diante dele ia o escudeiro

Davi, um jovem pastor de ovelhas com, ao que tudo indica, cerca de 15 anos, era pequeno e despreparado, não possuía armamento de qualidade ou treinamento bélico. Por outro lado, não depositava sua confiança na armadura ou nas armas convencionais, mas no Deus de Israel. Sua resposta ao desafio de Golias é de alguém que submete sua vida aos cuidados de Deus:

> Tu vens a mim com espada, e com lança, e com escudo; porém eu venho a ti em nome do Senhor dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado (1 Samuel 17:45).

Esse confronto no Vale de Elá, próximo a Azeca, representa a luta entre o monoteísmo israelita e o paganismo filisteu. Os deuses filisteus aparentavam força e poder, enquanto o Deus de Israel não tinha imagens ou templos grandiosos. Quando Davi derrota Golias, não apenas assegura uma vitória militar para Israel, mas também prova que o Deus de Israel não é limitado por poder humano, tamanho ou tecnologia bélica.

O deus Baal

Nome: Baal (do semítico, "Senhor" ou "Dono")

Culto: Adorado principalmente pelos cananeus, fenícios e outras culturas do Oriente Próximo.

Domínios: Deus da tempestade, da fertilidade, da chuva e da guerra.

Principais centros de adoração: Ugarit, Tiro, Sidon e Canaã.

Relação com Israel: Frequentemente citado na Bíblia como um ídolo adorado pelos israelitas em períodos de apostasia (Jz 2:11-13; 1Rs 18:21).

Conflitos bíblicos: O profeta Elias desafiou os profetas de Baal no Monte Carmelo (1Rs 18), e o rei Josias destruiu seus altares em uma reforma religiosa (2Rs 23:4-5).

Ícones e representações: Representado como um guerreiro com um raio na mão, simbolizando seu domínio sobre as chuvas e colheitas.

Legado: Seu culto foi combatido pelos profetas hebreus, tornando-se um símbolo da idolatria rejeitada por Deus.

Confronto entre crenças

Uma grande surpresa veio com a descoberta do templo cananeu dedicado ao culto solar. Isso nos leva a uma pergunta intrigante: seria esse um dos últimos redutos de uma religião que estava prestes a ser desafiada pela fé monoteísta de Israel?



Figura 13: Peça com inscrições de deuses egípcios, com Hórus no centro, encontrada na região – registro do sincretismo religioso entre Canaã e Egito (Fonte: divulgação).

Os cananeus praticavam um politeísmo extremamente complexo, que envolvia a adoração de deuses como Baal (senhor das tempestades e da fertilidade) e Shapash, uma divindade solar. O sol era visto como um símbolo de força, vida e proteção, e seu culto incluía rituais para garantir colheitas abundantes e sucesso militar.

Agora, pense no que acontece quando um povo que crê num único Deus invisível, que proíbe qualquer imagem ou representação divina, começa a se estabelecer em uma terra cheia de templos e símbolos politeístas. O choque era inevitável. Os israelitas não estavam apenas conquistando terras; eles estavam entrando em confronto com toda uma cosmovisão religiosa que dominava a região.

Essa tensão entre o culto cananeu e o monoteísmo israelita fica evidente ao longo das Escrituras. Deus adverte seu povo repetidamente para que não adotem os costumes dos habitantes da terra (Dt 7:5) e ordena que os altares e ídolos sejam destruídos. Isso levanta uma questão interessante: teria o templo solar de Azeca sido derrubado pelos próprios israelitas após sua conquista? Não podemos ter certeza, mas é possível levantar esta hipótese.



Figura 14: Estatueta de Baal, deus cananeu e adorado por diversos povos (Fonte: divulgação).

O Sol que parou no céu

Aqui entra um detalhe curioso. Em Josué 10:12-13, encontramos um evento que, à primeira vista, parece um milagre militar: Josué ordena que o sol pare sobre Gibeão e a lua sobre o vale de Aijalom.

> No dia em que o Senhor entregou os amorreus aos israelitas, Josué exclamou ao Senhor, na presença de Israel: "Sol, pare sobre Gibeom! E você, ó lua, sobre o vale de Aijalom!" O sol parou, e a lua se deteve, até a nação vingar-se dos seus inimigos, como está escrito no Livro de Jasar. O sol parou no meio do céu e por quase um dia inteiro não se pôs.

Sua oração é atendida por Deus!
Agora, considere isso pelo ponto de vista cananeu. Se eles adoravam o sol como uma divindade poderosa, esse episódio teria sido visto como um golpe teológico direto: o Deus de Israel não só controlava as batalhas, mas também tinha autoridade sobre os astros que os cananeus consideravam deuses. Esta foi uma revelação da soberania do Deus verdadeiro.

Ou seja, a luta entre Israel e Canaã não era apenas uma questão política, mas também espiritual. O templo solar de Azeca pode ter sido um dos últimos bastiões de um sistema religioso que estava sendo desafiado pela revelação monoteísta que começava a se firmar na região.

Enquanto os cananeus olhavam para o céu buscando o favor de suas divindades solares, os israelitas estavam aprendendo que seu Deus não era limitado pelos ciclos da natureza. A relação entre fé e arqueologia nos mostra que, mais do que um simples sítio histórico, Azeca representa o confronto entre duas visões de mundo: uma baseada na força dos elementos e outra na soberania do Criador sobre toda a criação.

Durante o reinado de Salomão, Azeca foi fortificada (2Cr 11:9), mostrando sua importância contínua. Mais tarde, na época do profeta Jeremias (Jr 34:7), Azeca aparece novamente como uma das últimas cidades de Judá a resistir à invasão babilônica. Ao que tudo indica, a cidade foi destruída por uma batalha. Uma hipótese diz que a cidade de Azeca caiu em uma batalha contra os egípcios; a outra, que caiu em uma batalha contra os hebreus durante a conquista de Canaã, liderada por Josué.



Figura 15: Adorador morto pela queda do templo solar de Azeca

Outros Templos Solares em Canaã
Além de Azeca, templos solares semelhantes foram encontrados em Gezer e Laquis, cidades que também desempenharam papéis importantes nos conflitos entre israelitas e povos locais. Os templos muitas vezes possuíam pedras eretas (massebot), que podiam representar divindades ou servir como marcadores sagrados para observação astronômica.

A descoberta do templo solar em Azeca reforça a importância dessa cidade na antiguidade e fornece mais indícios sobre o contexto cultural e religioso em que os eventos bíblicos ocorreram. Além disso, destaca o desafio enfrentado pelos israelitas ao introduzirem a adoração exclusiva a Yahweh em uma terra onde o sincretismo religioso era comum.

Para ir além:

1. **Leia os seguintes capítulos da Bíblia: Deuteronômio 7, Josué 10, I Samuel 17, 2 Crônicas 11 e Jeremias 34.**
2. **Leia o livro Escavando a verdade, de Rodrigo Silva.**
3. **Assista a Louvores aos deuses pagãos I Tesouros do MAB, com Rodrigo Silva.**
4. **Aula 16 (O jovem Davi) do comentário dos livros de I e II Samuel na plataforma A Bíblia Comentada.**

Perguntas para reflexão

Como a presença de elementos egípcios e mesopotâmicos no templo solar de Azeca reflete o sincretismo religioso na região de Canaã? O que isso revela sobre a influência cultural e religiosa na antiguidade?

Assim como os cananeus adoravam divindades solares e de fertilidade, quais são as "idolatrias" modernas que competem com a adoração a Deus? Como podemos identificar e confrontar essas influências em nossa vida?

Como a descoberta do templo solar em Azeca e a estatueta de Baal reforçam a historicidade dos relatos bíblicos sobre os conflitos entre Israel e os povos cananeus?

Como o milagre do sol parado em Josué 10:12-13 pode ser visto como um confronto direto entre o Deus de Israel e as divindades solares cananeias? O que isso revela sobre a soberania de Deus sobre a

Anotações

Selo pagão encontrado em Jerusalém



Figura 16: Detalhe do selo e local de escavação (Fonte: divulgação).

A recente descoberta de um selo raro na Cidade de Davi, situada no núcleo mais antigo de Jerusalém, oferece uma perspectiva arqueológica singular sobre a complexidade cultural e religiosa do século VI a.C., um período marcado por profundas transformações políticas e sociais no antigo Reino de Judá.

Contexto histórico

O século VI a.C. foi um período de profundas transformações políticas e sociais no antigo Reino de Judá, caracterizado por uma série de eventos que redefiniram não apenas a estrutura política da região, mas também sua identidade cultural e religiosa. Esse século pode ser dividido em duas fases principais: o período pré-exílico (antes de 586 a.C.) e o período exílico (após 586 a.C.), cada um com suas dinâmicas específicas e impactos duradouros.

O contexto pré-exílico (início do século VI a.C.)

No início do século VI a.C., o Reino de Judá já havia experimentado décadas de pressão política e militar por parte das grandes potências mesopotâmicas, especialmente o Império Neobabilônico, que sucedeu o Império Assírio como a principal força dominante na região. Após a queda do Império Assírio em 609 a.C., os babilônios, sob o comando de Nabucodonosor II, emergiram como a nova potência hegemônica. Judá, que havia sido um estado vassalo dos assírios, tornou-se alvo das ambições expansionistas babilônicas.

Em 597 a.C., Nabucodonosor invadiu Jerusalém pela primeira vez, resultando na deportação de parte da elite judaica, incluindo o rei Joaquim e sua corte, para a Babilônia. Esse evento marcou o início do que viria a ser conhecido como o "Exílio Babilônico".

Apesar da deportação, Judá manteve uma certa autonomia sob o governo de Zedequias, um rei fantoche instalado pelos babilônios. No entanto, a resistência contínua de Zedequias às demandas babilônicas levou a uma segunda invasão em 586 a.C., que resultou na destruição completa de Jerusalém, incluindo o Templo de Salomão, e na deportação de uma parcela significativa da população para a Babilônia.

A destruição de Jerusalém e o exílio (586 a.C.)

A destruição de Jerusalém em 586 a.C. foi um evento traumático que marcou o fim do Reino de Judá como entidade política independente. A cidade foi saqueada, suas muralhas foram derrubadas, e o Templo, centro religioso e simbólico do povo judeu, foi reduzido a escombros.
A elite sacerdotal, política e intelectual foi deportada para a Babilônia, onde passou a viver em comunidades exílicas. Esse deslocamento forçado teve um impacto profundo na identidade cultural e religiosa dos exilados, que precisaram reinterpretar suas tradições e crenças em um contexto estrangeiro.
Enquanto isso, a população que permaneceu em Judá, composta principalmente por camponeses e pessoas de classes sociais mais baixas, enfrentou condições de vida precárias sob o domínio babilônico. A região foi incorporada à província babilônica de Yehud, com uma administração local limitada e sem a presença de uma monarquia judaica.

Transformações sociais e religiosas

O exílio babilônico e a destruição de Jerusalém provocaram uma crise identitária entre os judeus. A perda do Templo, local central do culto a Yahweh, levou a uma reavaliação das práticas religiosas e à emergência de novas formas de expressão espiritual, como a sinagoga e a ênfase no estudo da Torá.

Durante o exílio, os líderes religiosos e intelectuais judeus começaram a compilar e redigir textos que mais tarde formariam parte da Bíblia Hebraica. Esse processo de redação e canonização foi crucial para a preservação da identidade judaica em um contexto de dispersão e opressão.

O selo

O selo encontrado, confeccionado em pedra semipreciosa, possivelmente ágata ou cornalina, apresenta uma inscrição em paleo-hebraico que identifica seu proprietário como um membro da elite de Jerusalém. Em ambos os lados da figura, uma inscrição está gravada – LeYeho'ezer ben Hosh'ayahu, indicando que foi usado por Hosh'ayahu, um oficial importante no Reino de Judá.

Do ponto de vista técnico, o selo apresenta uma confecção refinada, característica de artesãos especializados. A gravação da inscrição e da figura foi realizada com precisão, utilizando técnicas que demonstram um alto nível de habilidade artesanal. O formato do selo, provavelmente cilíndrico ou em forma de botão, era comum na época e servia tanto para autenticar documentos quanto para marcar propriedades, reforçando o status social elevado de seu proprietário.

O aspecto mais intrigante deste selo reside na representação iconográfica de um “gênio assírio”, uma figura mitológica recorrentemente encontrada na arte e na iconografia mesopotâmica, especialmente durante o apogeu do Império Assírio (séculos IX-VII a.C.). Este ser alado, frequentemente associado a funções protetoras e ao poder divino, era um símbolo de prestígio e autoridade no contexto assírio. Sua presença em um selo judaico do século VI a.C. evidencia a apostasia da elite de Jerusalém, que incorporou elementos estrangeiros em sua expressão artística e simbólica, provavelmente como resultado do contato prolongado

A presença de elementos culturais assírios em um artefato judeu levanta questões significativas sobre as dinâmicas culturais e religiosas da época. Por um lado, a adoção de iconografia estrangeira pode refletir uma estratégia de legitimação política, na qual a elite local buscava associar-se ao poder e à proteção simbólica representados pelo "gênio assírio". Por outro lado, a fé monoteísta israelita rejeitava explicitamente a representação de divindades estrangeiras. Essa dualidade entre assimilação cultural e preservação religiosa é um tema central para a compreensão da história de Judá neste período.

Apostasia do povo de Deus

A traição espiritual do povo em relação a Deus é frequentemente descrita como "prostituição" ou "adultério" simbólico, em que Israel, representado como a esposa de Yahweh, abandona seu marido para seguir outros deuses (Oséias 1-3; Ezequiel 16). A aliança entre Yahweh e Israel, estabelecida no Sinai (Êxodo 19-24), exigia fidelidade absoluta. A adoração a outros deuses era uma violação direta dos Dez Mandamentos, especialmente do primeiro: "Não terás outros deuses diante de mim" (Êxodo 20:3).

Conceito de apostasia: a apostasia de Israel é um tema central na narrativa bíblica, especialmente nos livros históricos e proféticos do Antigo Testamento. Refere-se ao abandono da fé em Yahweh e à adoção de práticas idolátricas e cultos estrangeiros, que foram repetidamente condenados pelos profetas e vistos como a causa principal das crises políticas e sociais que assolaram o Reino de Israel (Reino do Norte) e o Reino de Judá (Reino do Sul).

Desde o período da conquista de Canaã, Israel enfrentou a tentação de assimilar as práticas religiosas dos povos cananeus. A adoração a Baal, deus da fertilidade, e a Astarote, deusa do amor e da guerra, era particularmente atraente devido à sua associação com a agricultura e a prosperidade material. Juízes 2:11-13 revela:

> Então os israelitas fizeram o que o Senhor reprova e prestaram culto aos baalins. Abandonaram o Senhor, o Deus dos seus antepassados, que os havia tirado do Egito, e seguiram e adoraram vários deuses dos povos ao seu redor, provocando a ira do Senhor. Abandonaram o Senhor e prestaram culto a Baal e a Astarote.

A influência mesopotâmica também se fez presente, especialmente durante os períodos de dominação assíria e babilônica. Os reis de Israel e Judá frequentemente adotaram práticas idolátricas como forma de se alinhar politicamente com as potências estrangeiras. Por exemplo, o rei Acabe, de Israel, e sua esposa Jezabel promoveram o culto a Baal em larga escala, levando a um confronto direto com o profeta Elias (1 Reis 16:29-33; 1 Reis 18).

Embora o Reino de Judá tenha mantido uma conexão mais forte com o culto a Yahweh, centrado no Templo de Jerusalém, ele também sucumbiu à apostasia em vários momentos de sua história. Reis como Acaz e Manassés promoveram a idolatria, introduzindo práticas pagãs e até mesmo sacrificando crianças no vale de Hinom (2 Reis 16:1-4; 2 Reis 21:1-9).

Apesar de reformas religiosas esporádicas, como as realizadas por Ezequias e Josias (2 Reis 18:1-6; 2 Reis 22-23), a apostasia persistiu, especialmente entre a elite e a população urbana. Os profetas, como Isaías, Jeremias e Sofonias, denunciaram repetidamente a idolatria e a injustiça social, advertindo sobre o julgamento iminente de Yahweh (Isaías 1:10-20; Jeremias 7:1-15; Sofonias 1:4-6).

A apostasia de Judá culminou na destruição de Jerusalém pelos babilônios em 586 a.C. e no exílio do povo para a Babilônia. O profeta Jeremias atribuiu essa tragédia à infidelidade do povo:

> Porque o meu povo cometeu dois males: a mim me abandonaram, o manancial de águas vivas, e cavaram para si cisternas, cisternas rotas, que não retêm as águas (Jeremias 2:13).

A partir deste ponto, Judá fundiu ainda mais suas crenças com as dos dominadores, razão pela qual é possível encontrar artefatos em Judá que representam divindades, superstições e crenças dos outros povos antes, durante e após o período do exílio. A descoberta de artefatos arqueológicos, como o selo da Cidade de Davi com motivos assírios, ilustra a complexidade dessas interações culturais e religiosas. Esses achados corroboram os relatos bíblicos, mostrando como a apostasia não era apenas uma questão espiritual, mas também um fenômeno social e político.

Importância da descoberta do selo para a arqueologia
Esta descoberta insere-se em um corpus mais amplo de achados arqueológicos que evidenciam a interação cultural entre Judá e os impérios mesopotâmicos. Selos semelhantes, com inscrições hebraicas e motivos iconográficos estrangeiros, foram encontrados em diversos sítios arqueológicos na região, como o selo de Gemariah, filho de Shaphan, mencionado no Livro de Jeremias (Jeremias 36:10). Tais artefatos corroboram os relatos bíblicos e extrabíblicos sobre a influência assíria e babilônica em Judá, ao mesmo tempo em que iluminam aspectos da vida cotidiana, das práticas administrativas e das crenças da elite local.

O selo da Cidade de Davi constitui uma peça arqueológica de extrema relevância para o estudo do período pré-exílico em Judá. Ele não apenas atesta a sofisticação cultural e artística da elite de Jerusalém, mas também revela as complexas dinâmicas de interação entre as tradições locais e as influências estrangeiras, em um contexto marcado por transformações políticas e religiosas profundas. Esta descoberta reforça a importância da arqueologia bíblica como ferramenta para a reconstrução histórica, oferecendo insights valiosos sobre as sociedades antigas e suas múltiplas dimensões culturais.

Para ir além:

1. **Leia os seguintes capítulos da Bíblia: Êxodo 20, Jeremias 36, Ezequiel 16, Oseias 1-3.**
2. **Assista a Templo pagão em Jerusalém?**
3. **Leia o livro O ceticismo da fé.**
4. **Assista à aula 7 (O Reino do Norte e o Reino do Sul) do curso Monarquia na plataforma A Bíblia Comentada.**

Perguntas para reflexão

- Como a presença de ícones pagãos no selo corrobora os relatos bíblicos sobre a apostasia de Judá? O que isso revela sobre a tensão entre a fé monoteísta e as práticas idolátricas?

- Como a apostasia de Judá contribuiu para a destruição de Jerusalém e o exílio babilônico? O que isso nos ensina sobre a relação entre fé, obediência e consequências históricas?

- O que a história da apostasia de Judá nos ensina sobre as consequências de abandonar a fé em Deus? Como podemos aplicar essas lições em nossa vida espiritual?

- Como podemos manter nossa fidelidade a Deus em um mundo onde o sincretismo religioso e cultural é comum? O que podemos aprender com a experiência de Judá?

Anotações

Grande centro administrativo dos tempos do rei Ezequias



Figura 17: Alças de vasos do tempo de Ezequias (Foto: divulgação).

A descoberta de alças de vasos de um centro administrativo datado do período do rei Ezequias (cerca de 715-686 a.C.) trouxe novas evidências sobre a organização política, econômica e militar do Reino de Judá. Esse achado corrobora diversos relatos bíblicos e amplia nosso entendimento sobre o período em que Judá enfrentava ameaças externas, especialmente do Império Assírio.

Reinado de Ezequias

O rei Ezequias (c. 715-686 a.C.) foi um dos monarcas mais notáveis do Reino de Judá. Governando em um período de grande instabilidade, ele ficou conhecido por suas reformas religiosas, pela resistência contra o Império Assírio e por suas estratégias de defesa e administração. Seu reinado é amplamente documentado na Bíblia (2 Reis 18-20, 2 Crônicas 29-32 e Isaías 36-39), além de ser confirmado por evidências arqueológicas e registros assírios.

Ezequias assumiu o trono em um momento crítico. Seu pai, Acaz, havia feito alianças políticas desastrosas com a Assíria e promovido a idolatria em Judá (2 Reis 16:7-10). Além disso, o Reino do Norte, Israel, foi conquistado pelos assírios em 722 a.C., deixando Judá vulnerável. Sabendo do perigo que o Império Assírio representava, Ezequias tomou medidas para fortalecer Judá, tanto militarmente quanto espiritualmente.



Figura 18: Estatuetas de outros deuses encontrados no território de Judá (Foto: divulgação).

O cerco de Jerusalém e a intervenção de Deus

Em 701 a.C., o rei assírio Senaqueribe invadiu Judá, conquistando várias cidades (2 Reis 18:13). Ele cercou Jerusalém e enviou mensageiros para intimidar Ezequias e o povo, afirmando que nenhum deus poderia salvá-los (Isaías 36:4-20). Diante da ameaça, Ezequias tomou uma atitude de fé: ele buscou o profeta Isaías, que profetizou a libertação de Jerusalém (2 Reis 19:1-7).

Ele orou no templo, entregando o problema a Deus (2 Reis 19:14-19). Naquela mesma noite, o anjo do Senhor derrotou 185 mil soldados assírios, obrigando Senaqueribe a recuar para Nínive (2 Reis 19:35-37). Esse evento foi um dos maiores livramentos da história de Judá e demonstrou a fidelidade de Deus ao seu povo.

Medidas implementadas por Ezequias

Uma das primeiras ações de Ezequias foi restaurar o culto a Deus e eliminar práticas idólatras:

1. Reabriu o Templo de Jerusalém e restaurou o serviço sacerdotal (2 Crônicas 29:3-36).
2. Destruiu altares pagãos e objetos de idolatria, incluindo a serpente de bronze de Moisés, que havia se tornado objeto de adoração (2 Reis 18:4).
3. Convocou uma grande Páscoa nacional, incentivando até mesmo os remanescentes das tribos do Reino do Norte a participarem (2 Crônicas 30).

Essa reforma foi fundamental para consolidar Jerusalém como o centro religioso e político de Judá. Sabendo que a Assíria poderia atacar Judá, Ezequias investiu fortemente em infraestrutura militar:

1. Fortificação de cidades estratégicas, incluindo Jerusalém e Laquis (2 Crônicas 32:5).
2. Construção do Túnel de Siloé, um sistema de abastecimento de água subterrâneo que ligava a Fonte de Giom ao tanque de Siloé, garantindo suprimentos de água em caso de cerco (2 Reis 20:20).
3. Organização administrativa eficiente, como evidenciado pelos selos LMLK em jarros de armazenamento, indicando um sistema de tributos e distribuição de mantimentos.

Mais tarde, Ezequias adoeceu gravemente e recebeu do profeta Isaías a notícia de que morreria (2 Reis 20:1). No entanto, após orar fervorosamente, Deus lhe concedeu mais 15 anos de vida e deu um sinal extraordinário: a sombra do relógio de sol recuou (2 Reis 20:6-11).

Pouco antes de sua morte, Ezequias recebeu mensageiros da Babilônia e, sem cautela, mostrou a eles todos os tesouros de Judá (2 Reis 20:12-13). O profeta Isaías então advertiu que a Babilônia um dia levaria tudo, inclusive descendentes do rei, para o exílio (2 Reis 20:16-18). Essa profecia se cumpriu mais de um século depois, com a invasão de Nabucodonosor e o cativeiro babilônico.

O cativeiro babilônico

O cativeiro babilônico foi um dos eventos mais marcantes na história de Israel, representando não apenas uma crise política e territorial, mas também uma profunda transformação religiosa e cultural. Em 586 a.C., o rei Nabucodonosor II, da Babilônia, invadiu Jerusalém, destruiu o Templo de Salomão e deportou grande parte da população judaica para a Babilônia. Esse exílio durou cerca de 70 anos, conforme profetizado por Jeremias (Jeremias 25:11-12; 29:10), e teve profundas repercussões na identidade do povo judeu.

Durante esse período, os judeus tiveram que aprender a viver longe de sua terra e sem o Templo, o que os levou a uma nova forma de culto baseada na Torá, na oração e na organização de sinagogas. Esse deslocamento forçado também contribuiu para a preservação e consolidação das Escrituras Sagradas, já que a necessidade de manter sua identidade religiosa e cultural incentivou a compilação e o estudo sistemático dos textos sagrados.

Além disso, o cativeiro fortaleceu a expectativa messiânica e a esperança da restauração de Israel. A libertação ocorreu sob o rei persa Ciro, o Grande, que conquistou a Babilônia em 539 a.C. e permitiu que os judeus retornassem a sua terra para reconstruir Jerusalém e o Templo (Esdras 1:1-4). Esse retorno marcou o início do Segundo Templo e uma nova fase na história de Israel, consolidando a fé monoteísta judaica e influenciando profundamente a teologia e a escatologia bíblicas.

Quem foi Ciro, o Grande?
Nome: Ciro II da Pérsia
Título: Rei da Pérsia (559–530 a.C.), fundador do Império Aquemênida
Importância:

- Unificou a Média, a Lídia e a Babilônia, formando o maior império da época.
- Libertou os judeus do cativeiro babilônico (Esdras 1:1-4) e permitiu a reconstrução do Templo de Jerusalém.
- Criou o Cilindro de Ciro, considerado uma das primeiras declarações de direitos humanos.

Legado:

- Reverenciado como governante justo e sábio, citado na Bíblia como "ungido do Senhor" (Isaías 45:1).
- Influenciou modelos de governo e a expansão da civilização persa.

Localização e descoberta do centro administrativo

A principal evidência desse centro administrativo foi encontrada em Ramat Rahel, um sítio arqueológico situado a aproximadamente 4 km ao sul da Cidade Velha de Jerusalém, entre a capital e Belém. Essa localização estratégica indicava que o local servia como um importante ponto de controle governamental e econômico para a região.

As escavações em Ramat Rahel começaram no século XX, mas os achados mais significativos foram revelados por pesquisas mais recentes, que identificaram grandes edifícios administrativos, depósitos e sistemas avançados de armazenamento de água. Além disso, esse sítio revelou elementos arquitetônicos semelhantes aos encontrados em palácios reais da época, como colunas decoradas e estruturas de fortificação.



Figura 19: Escavação do local onde as alças foram encontradas (Foto: divulgação).

Além de Ramat Rahel, arqueólogos também encontraram vestígios de centros administrativos em Laquis, Jerusalém e outras cidades de Judá, sugerindo que Ezequias estabeleceu um sistema descentralizado para coleta e distribuição de tributos e suprimentos.

Os selos reais

Um dos achados mais significativos nesse centro administrativo foi a grande quantidade de jarros de cerâmica marcados com impressões de selos reais, conhecidos como LMLK (lamelech, que significa "para o rei"). Esses selos, encontrados em diversas localidades de Judá, indicam um sistema organizado de coleta de tributos e armazenamento de bens essenciais, como azeite e grãos.

Os selos geralmente trazem:

- A inscrição LMLK ("Lamelech", para o rei), demonstrando que os jarros pertenciam ao governo real.
- O nome de uma das cidades administrativas: Hebrom, Socó, Zif ou MMST (local ainda incerto).
- Símbolos icônicos, como um escaravelho alado ou um sol alado, ambos possivelmente influenciados pela iconografia egípcia.

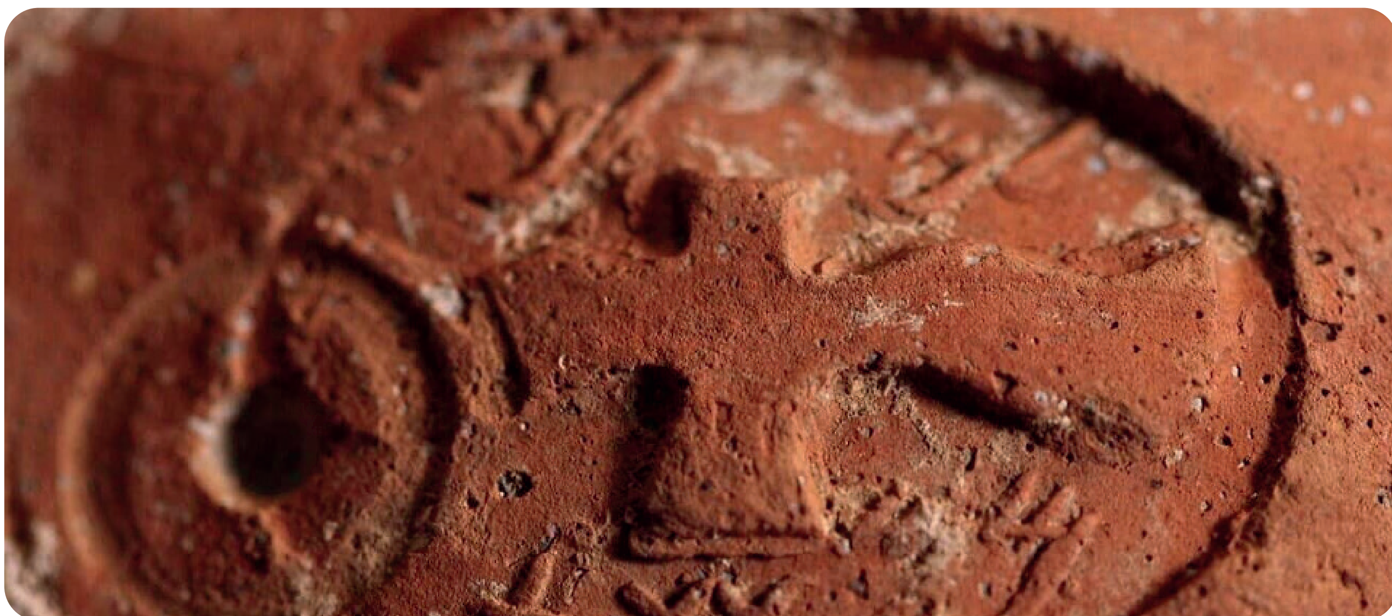


Figura 20: Selo real (Foto: divulgação).

A presença desses selos em diferentes locais sugere que o rei Ezequias centralizou a administração e criou um sistema tributário eficiente para fortalecer o reino. Muitos arqueólogos acreditam que esse sistema foi implementado como resposta à crescente ameaça do Império Assírio, preparando Judá para um possível cerco militar e garantindo reservas de alimentos e suprimentos.

O centro administrativo do período de Ezequias é uma peça fundamental para entender a complexa organização do Reino de Judá. Ele demonstra um governo centralizado, preocupado com economia, defesa e administração pública. Os selos reais Lamelech são evidências claras desse sistema, enquanto os edifícios encontrados em Ramat Rahel e outras localidades mostram um planejamento sofisticado.

Essa descoberta fortalece a conexão entre os relatos bíblicos e a realidade arqueológica, revelando que o período de Ezequias foi um dos momentos mais estratégicos e desafiadores da história de Judá.

Para ir além:

1. **Leia os seguintes capítulos da Bíblia: Esdras 1, Jeremias 25, Jeremias 29, II Reis 19 e 20.**
2. **Assista ao vídeo O fim do cativeiro: alegria ou angústia?**
3. **Leia o livro Escavando a verdade.**
4. **Assista à aula 3 (A importância do contexto) do comentário do livro de Daniel da plataforma A Bíblia Comentada.**

Perguntas para reflexão

- Perguntas para reflexão
Como a resposta de Ezequias ao cerco de Senaqueribe (oração e busca por orientação profética) exemplifica a fé em Deus em situações de extrema pressão? O que podemos aprender com sua atitude?

- Como o sistema de selos Lamelech e a organização de centros administrativos em cidades como Ramat Rahel e Laquis demonstram a eficiência do governo de Ezequias? O que isso revela sobre sua liderança?

- Como as reformas religiosas de Ezequias, incluindo a reabertura do Templo e a eliminação da idolatria, fortaleceram a identidade espiritual de Judá? O que isso nos ensina sobre a importância da renovação espiritual em tempos de crise?

- Assim como o cativeiro babilônico levou a uma renovação espiritual e cultural, como podemos transformar momentos de crise em oportunidades de crescimento e fortalecimento da fé?

Anotações

Mapa da Arca de Noé em cuneiforme



Figura 21: Antigo mapa babilônico (Foto: divulgação).

A descoberta e a interpretação de antigos artefatos muitas vezes lançam nova luz sobre eventos descritos na Bíblia, conectando tradições históricas e religiosas a evidências arqueológicas. Um exemplo disso é um mapa babilônico que, por décadas, esteve no Museu Britânico, mas recentemente teve um fragmento perdido reencontrado.

Esse pequeno pedaço de argila revelou algo intrigante: a menção à terra de Uratul, que corresponde ao Ararate bíblico, local onde, segundo Gênesis, a Arca de Noé repousou após o Dilúvio.

Descoberta da peça

O mapa babilônico, que hoje atrai tanta atenção por sua possível conexão com a narrativa do dilúvio bíblico, não é uma descoberta recente. Ele foi encontrado há mais de um século, durante escavações arqueológicas na Mesopotâmia, e acabou sendo levado para o Museu Britânico, onde permaneceu por décadas sem receber grande notoriedade. Trata-se de um tablete de argila datado do período neobabilônico (por volta do século VI a.C.), contendo uma representação geográfica do mundo conhecido pelos babilônios.

O tablete original foi descoberto na região do atual Iraque, local onde ficava a antiga Babilônia, uma das civilizações mais avançadas de seu tempo. Nele, os escribas babilônicos desenharam um mapa circular com a cidade da Babilônia no centro, cercada por um anel que representa o rio Eufrates. Ao redor, encontram-se várias regiões identificadas com inscrições cuneiformes, indicando os nomes de províncias e terras distantes, segundo a visão de mundo daquela cultura.

Rio Eufrates
Localização: Oriente Médio (Turquia, Síria, Iraque)
Extensão: Aproximadamente 2.800 km
Importância Histórica:

- Um dos rios da antiga Mesopotâmia, fundamental para civilizações como sumérios, babilônios e assírios.
- Mencionado na Bíblia como um dos rios do Éden (Gênesis 2:14) e no contexto profético do Apocalipse (Apocalipse 16:12).
- Essencial para a irrigação e agricultura, permitindo o desenvolvimento das primeiras cidades.

Situação atual:

- Sofre com a redução do volume de água devido a barragens e mudanças climáticas.
- Disputas políticas entre países da região sobre o uso dos seus recursos hídricos.

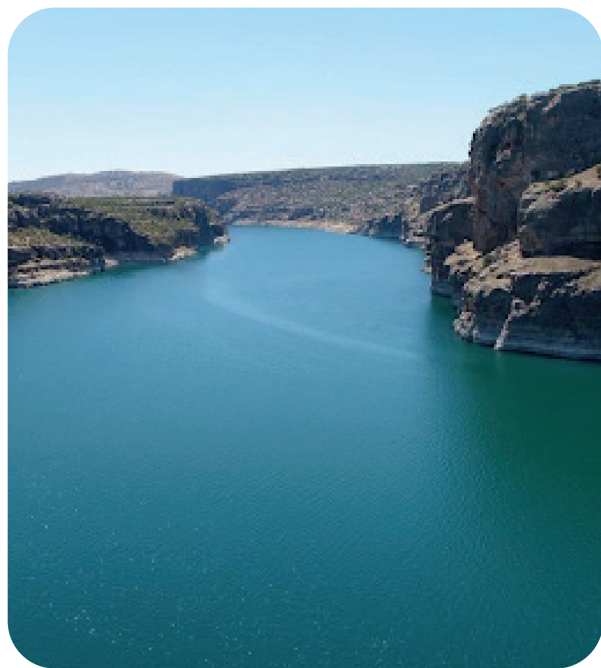


Figura 22: Rio Eufrates nos dias atuais (Foto: divulgação).

Embora já fosse um artefato intrigante, o mapa permaneceu relativamente esquecido até que, recentemente, arqueólogos conseguiram recuperar um fragmento perdido, revelando novas informações. Esse pedaço ausente continha a indicação de uma terra chamada Uratul, que pode ser associada ao Monte Ararate, mencionado na Bíblia como o local onde a Arca de Noé repousou após o Dilúvio. Essa descoberta reacendeu o interesse pelo tablete e sua possível relação com os relatos do Gênesis e com outras narrativas babilônicas do Dilúvio.

Além de sua importância cartográfica, o mapa também oferece um vislumbre da mentalidade babilônica sobre o mundo e suas fronteiras. Para eles, o centro do mundo era Babilônia, e as terras além do círculo representavam domínios desconhecidos, muitas vezes associados a mitos e lendas. O fato de o tablete mencionar a terra de Uratul sugere que esse local tinha uma importância especial, talvez como uma referência a um evento catastrófico preservado na memória coletiva das civilizações antigas.

Relatos do dilúvio

Os relatos de dilúvio são encontrados em diversas culturas ao redor do mundo, com narrativas que, embora variem em detalhes, apresentam um tema central semelhante: uma grande inundação enviada como punição divina ou como parte de um ciclo cósmico.

Abaixo estão alguns dos relatos mais conhecidos:

A epopeia de Gilgamesh – Utnapishtim

A epopeia de Gilgamesh, um dos mais antigos textos literários da humanidade, escrito por volta de 2.100 a.C., contém uma versão mesopotâmica do Dilúvio.

Na história, Utnapishtim recebe um aviso do deus Ea (Enki) sobre a destruição iminente da humanidade por um Dilúvio. Ea ordena que ele construa um barco, abandonando todos os seus bens materiais. O barco é construído em sete dias, tem formato retangular e compartimentos para armazenar tudo o que era necessário. Utnapishtim embarca com sua família, artesãos e pares de animais.

Quando a tempestade começa, dura seis dias e seis noites, e as águas cobrem tudo. Após a chuva cessar, o barco repousa no Monte Nisir (atual Irã ou Turquia). Assim como Noé, Utnapishtim solta um pombo, depois uma andorinha e, por último, um corvo. O corvo não retorna, indicando que havia terra seca. Os deuses se arrependem da destruição e concedem a Utnapishtim e sua esposa a imortalidade. Esse relato foi registrado em tabuletas de argila em escrita cuneiforme e mostra uma grande semelhança com o relato bíblico.

O Poema de Atrahasis (século XVIII a.C.)

Este poema babilônico, datado de cerca de 1.700 a.C., também conta um Dilúvio divino. Na história, os deuses criam os humanos para trabalhar para eles, mas depois se arrependem porque os humanos se multiplicam e fazem muito barulho. O deus Enlil, irritado, decide exterminá-los com fomes, pestes e, finalmente, um grande Dilúvio.

O deus Ea (Enki), no entanto, avisa secretamente Atrahasis, um rei sábio, sobre o desastre iminente e lhe dá instruções para construir um barco. Ele obedece, entra no barco com sua família e diversos animais, e então o Dilúvio cobre a terra por sete dias e sete noites.

Após a tempestade, Atrahasis faz oferendas aos deuses, e Enlil percebe que foi um erro exterminar a humanidade. Como solução, os deuses estabelecem novas regras para o controle populacional, como a infertilidade e a mortalidade dos humanos.

A História de Ziusudra (Suméria – cerca de 2.000 a.C.)

Ziusudra é a versão suméria do herói do Dilúvio. O relato está fragmentado, mas descreve que os deuses decidiram enviar uma inundação para destruir a humanidade. O deus Enki avisa Ziusudra, o rei de Shuruppak, para construir um barco e salvar a vida na terra.

A tempestade dura sete dias e sete noites, e quando termina, Ziusudra oferece sacrifícios aos deuses. Como recompensa, ele recebe a imortalidade e é enviado para viver no paraíso dos deuses. Esse relato é um dos mais antigos e serviu de base para a epopeia de Gilgamesh.

Mitos de dilúvio aparecem em diversas outras culturas ao redor do mundo, refletindo a ideia de uma grande catástrofe que destrói a humanidade, seguida por um recomeço. Na mitologia grega, Zeus decide extinguir os humanos, mas Deucalião e Pirra sobrevivem ao desastre e repovoam o mundo jogando pedras, conforme instrução do oráculo. Já na tradição hindu, Manu recebe um aviso do deus Vishnu, que aparece como um peixe (Matsya), e constrói um barco para salvar sementes, animais e sábios, garantindo a continuidade da vida.

Entre os povos indígenas das Américas, lendas falam de destruições divinas e sobreviventes escolhidos. Os Hopis escapam para cavernas subterrâneas, os Maias relatam a transformação dos sobreviventes em macacos, e os Incas descrevem Manco Cápac repovoando o mundo após a ira de Viracocha. Na China, o mito do dilúvio foca em Yu, o Grande, que não escapa em um barco, mas controla as águas com engenharia, tornando-se imperador.

Essas histórias, embora distintas, compartilham o tema da destruição como um ciclo necessário para renovação e aprendizado.

Importância do achado
O achado do mapa reforça um fato já conhecido pelos estudiosos: a história do Dilúvio não é exclusiva da tradição hebraica. Relatos semelhantes aparecem em registros sumérios, acadianos e babilônicos, sempre com variações nos detalhes, mas preservando um enredo comum. Além disso, a representação geográfica no mapa sugere que os babilônios tinham conhecimento dessa região e a associavam a um evento catastrófico.

Outro detalhe intrigante está no formato da Arca. Segundo um texto babilônico traduzido pelo Dr. Irving Finkel, os documentos mesopotâmicos descrevem a Arca como um barco redondo, semelhante a um coracle, feito de junco e betume. Esse formato difere da descrição bíblica, que apresenta uma embarcação retangular com proporções específicas: "trezentos côvados de comprimento, cinquenta de largura e trinta de altura" (Gênesis 6:15). A precisão das medidas bíblicas sugere um projeto funcional, capaz de suportar a tempestade e abrigar todas as criaturas que Deus ordenou a Noé que salvasse. Enquanto o relato mesopotâmico pode ter um tom mais simbólico, a versão bíblica enfatiza o cuidado divino em preservar a vida e a obediência de Noé diante de um mundo corrompido.

A descoberta desse mapa e sua conexão com o Dilúvio levantam reflexões importantes. Relatos sobre uma grande inundação já existiam na Mesopotâmia antes da escrita da Bíblia, mas o relato de Gênesis se diferencia pelo seu significado teológico. O texto bíblico não apenas narra um evento catastrófico, mas revela o caráter de Deus: justo ao punir o pecado, misericordioso ao prover um meio de salvação.

A história da Arca aponta para um padrão que se repete ao longo das Escrituras – Deus provendo resgate para aqueles que confiam Nele, como ocorreu com Moisés, salvo das águas (Êxodo 2:3-10), e, de forma definitiva, com Cristo, que veio para oferecer a salvação da condenação do pecado (1 Pedro 3:20-21).

Além disso, a menção a Uratul no mapa sugere que a região onde a Arca repousou era reconhecida tanto pelos babilônios quanto pelos hebreus. Essa convergência histórica reforça que o Dilúvio é um evento marcante na memória dos povos antigos. Mais do que uma história sobre destruição, o Dilúvio é um lembrete do chamado ao arrependimento e da fidelidade de Deus para com aqueles que seguem Sua voz. Assim como nos dias de Noé, hoje também somos chamados a confiar na Palavra de Deus e entrar na "Arca" da salvação que é Cristo (Mateus 24:37-39).

Para ir além:

1. **Leia os seguintes capítulos da Bíblia: Gênesis 6, Êxodo 2 e Mateus 24.**
2. **Assista ao vídeo O mapa da localização da Arca de Noé com Rodrigo Silva.**
3. **Leia o livro Escavando a verdade.**
4. **Assista à aula 10 (O dilúvio) do comentário ao livro de Gênesis na plataforma A Bíblia Comentada.**

Perguntas para reflexão

- Por que é significativo que tanto a tradição babilônica quanto a bíblica mencionem um evento como o Dilúvio? O que isso sugere sobre a memória coletiva das civilizações antigas?

- Quais são as principais semelhanças e diferenças entre o relato bíblico do Dilúvio e as narrativas mesopotâmicas, como A Epopeia de Gilgamesh e o Poema de Atrahasis?

- Por que é importante preservar e refletir sobre histórias como a do Dilúvio, que fazem parte da memória coletiva de várias culturas? Como isso fortalece nossa fé e compreensão da ação divina na história?

- O que a história do Dilúvio nos ensina sobre a justiça e a misericórdia de Deus? Como podemos aplicar essas lições em nossa relação com Ele e com os outros?

Anotações

Muralha do rei Roboão



Figura 23: Visão de parte da muralha do rei Roboão (Foto: divulgação).

Uma das descobertas arqueológicas que trazem à tona evidências materiais que confirmam os textos sagrados envolve a muralha do rei Roboão em Laquis, uma das cidades fortificadas do reino de Judá.

A divisão do reino de Salomão

O rei Salomão é famoso por sua sabedoria, mas também por sua pesada política econômica. Para sustentar seus projetos monumentais, incluindo a construção do Templo de Jerusalém e de palácios luxuosos, Salomão impôs tributos altíssimos sobre o povo. Além dos impostos, os israelitas eram convocados para trabalhos forçados em grande escala. Esse sistema foi particularmente pesado para as tribos do norte, que se sentiram exploradas e começaram a nutrir ressentimento contra o governo central em Jerusalém.

Salomão
Reinado: Cerca de 970–931 a.C.
Reino: Israel.
Fonte principal: Bíblia (1 Reis, 2 Crônicas).
Feitos Notáveis:

- Construiu o Templo de Jerusalém, centro do culto a Deus em Israel.
- Expandiu e fortaleceu o reino, estabelecendo alianças estratégicas.
- Promoveu o comércio e a arquitetura, trazendo grande prosperidade.

Sabedoria e escritos:

- Conhecido por sua sabedoria divina (1 Reis 3:16-28, o julgamento das duas mães).
- Atribuído como autor de Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos.

Declínio:

- Casou-se com mulheres estrangeiras e afastou-se da fé (1 Reis 11:1-6).
- Após sua morte, o reino foi dividido entre Judá e Israel.

Após sua morte, o reino foi dividido entre Judá e Israel.

Quando Salomão morreu, seu filho Roboão assumiu o trono (1 Reis 12). Neste momento, o povo viu uma oportunidade de aliviar a carga opressora e enviou uma delegação liderada por Jeroboão, um antigo oficial de Salomão, para pedir que os impostos e trabalhos forçados fossem reduzidos. Roboão consultou primeiro os anciãos do reino, que recomendaram que ele aliviasse a pressão sobre o povo para conquistar sua lealdade. Mas o rei ignorou esse conselho e preferiu ouvir seus jovens conselheiros, que sugeriram aumentar ainda mais as exigências.
A resposta de Roboão foi um desastre:

> Meu pai vos castigou com açoites, porém eu vos castigarei com escorpiões (1 Reis 12:14).

Essa atitude arrogante foi a gota d'água. As tribos do norte se revoltaram e coroaram Jeroboão como seu rei, rompendo definitivamente com Jerusalém. A partir desse momento, o antigo reino unido de Israel foi dividido em dois:

Reino de Israel (Norte): formado por dez tribos, com capital em Samaria. Jeroboão se tornou seu primeiro rei.
Reino de Judá (Sul): formado pelas tribos de Judá e Benjamim, mantendo Jerusalém como sua capital e Roboão como rei.

Essa divisão não foi apenas política, mas também religiosa. O norte, temendo que o povo voltasse a Jerusalém para adorar a Deus no Templo, criou centros de culto alternativos em Betel e Dã, estabelecendo bezerros de ouro e afastando ainda mais Israel da fé verdadeira.

culto alternativos em Betel e Dã, estabelecendo bezerros de ouro e afastando ainda mais Israel da fé verdadeira.

A separação entre Israel e Judá enfraqueceu os dois reinos. Ao longo dos séculos seguintes, ambos enfrentaram instabilidade, idolatria e invasões estrangeiras. O Reino do Norte caiu primeiro, conquistado pelos assírios em 722 a.C., e o Reino do Sul foi destruído pelos babilônios em 586 a.C., quando Jerusalém foi saqueada e o Templo foi destruído. A divisão de Israel foi um evento decisivo na história bíblica, demonstrando como a desobediência, a arrogância e a idolatria podem levar à ruína de uma nação.

Reinado de Roboão
Roboão, filho e sucessor de Salomão, enfrentou um dos momentos mais delicados da história de Israel: a divisão do reino. Enquanto seu pai governara um reino unificado e próspero, Roboão herdou um território em crise política e espiritual. Seu reinado é marcado pelo cisma que resultou na formação do Reino do Norte (Israel) e do Reino do Sul (Judá). Com essa fragmentação, Roboão precisou fortalecer militarmente as cidades remanescentes sob seu controle, entre elas Laquis, como descrito em 2 Crônicas 11:5-12:

> Roboão habitou em Jerusalém e edificou cidades para fortalezas em Judá. Edificou, pois, Belém, Etã, Tecoa, Bete-Zur, Soco, Adulão, Gate, Maressa, Zif, Adoraim, Laquis, Azeca, Zorá, Aijalom e Hebrom, que estão em Judá e Benjamim, cidades fortificadas.

A arqueologia trouxe à tona evidências de que Laquis, de fato, possuía um sistema de fortificação impressionante, compatível com o período de Roboão. As escavações revelaram muralhas maciças e torres defensivas robustas, indicando que a cidade era um dos principais bastiões militares de Judá. Esse sistema defensivo não era apenas um projeto arquitetônico, mas uma necessidade diante das constantes ameaças externas.

A história nos conta que o Egito, sob o comando do faraó Sisaque (Sheshonq I), lançou uma grande campanha militar contra Judá no quinto ano do reinado de Roboão, conforme registrado em 2 Crônicas 12:2-4:

> Sucedeu, pois, que no quinto ano do rei Roboão, Sisaque, rei do Egito, subiu contra Jerusalém (porque tinham transgredido contra o Senhor), com mil e duzentos carros e sessenta mil cavaleiros; e era inumerável o povo que vinha com ele do Egito, os líbios, os suquitas e os etíopes. Tomou as cidades fortificadas de Judá e chegou até Jerusalém.

Registro no Templo de Karnak

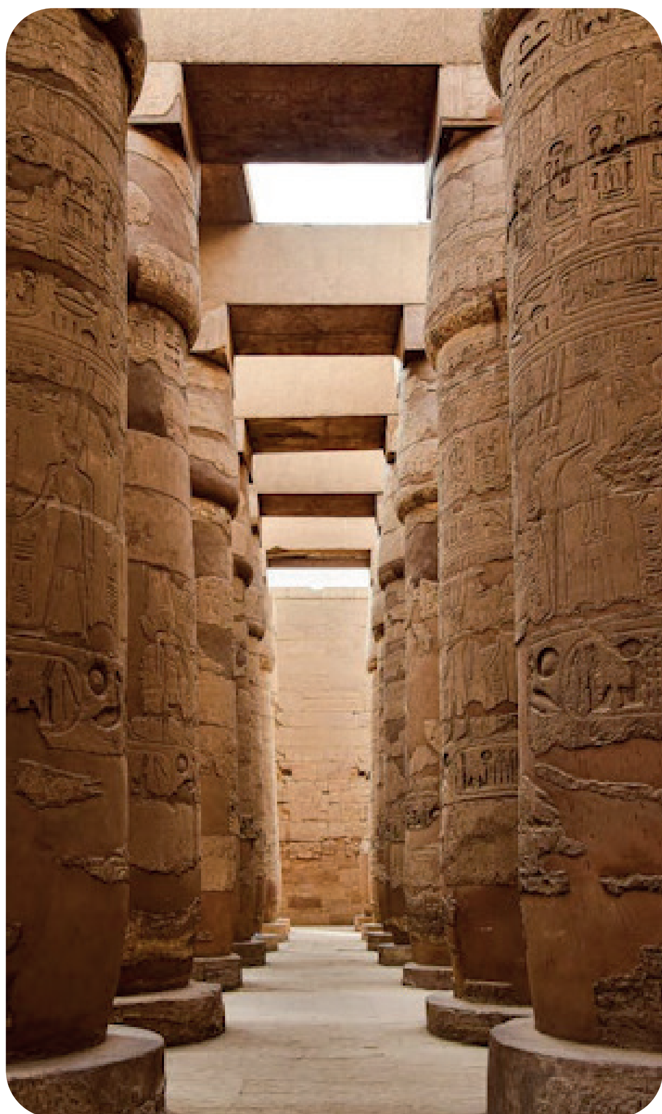


Figura 24: Parte do Templo de Karnak (Foto: divulgação).

No Templo de Karnak, no Egito, há um grande relevo que mostra o faraó Sisaque apresentando prisioneiros diante do deus Amon-Rá. A inscrição lista cerca de 150 cidades e regiões conquistadas, incluindo várias localizações em Judá e Israel. Entre os nomes gravados, encontramos Laquis, uma das principais fortalezas do Reino de Judá.

Laquis era a segunda cidade mais importante de Judá, depois de Jerusalém. Situada em uma posição estratégica, ela funcionava como uma barreira de defesa contra invasores vindos do sul. A conquista de Laquis por Sisaque demonstra que ele teve controle sobre boa parte do território de Roboão, forçando o rei de Judá a se submeter ao Egito.

Segundo o relato bíblico, Roboão e os líderes de Judá reconheceram seus erros e se humilharam diante de Deus. Como resultado, Jerusalém não foi destruída, mas Roboão teve que pagar um pesado tributo ao faraó:

> Sisaque, rei do Egito, atacou Jerusalém e levou os tesouros do templo do Senhor e os do palácio real. Levou tudo, inclusive os escudos de ouro que Salomão havia feito (1 Reis 14:25-26).

Isso significa que Sisaque saqueou o Templo de Salomão, levando grande parte da riqueza acumulada por Israel nos tempos de glória. O relato de Sisaque em Karnak é uma evidência arqueológica contundente da invasão descrita na Bíblia. Ele mostra que:

1. O Egito ainda exercia influência sobre Canaã no século X a.C.
2. Laquis era uma cidade fortificada crucial para Judá.
3. O ataque de Sisaque realmente aconteceu, como descrito nos textos bíblicos.



Figura 25: Outra parte da muralha (Foto: divulgação).

O interessante é que, mesmo com uma estrutura militar robusta, Laquis foi destruída diversas vezes ao longo da história. A primeira destruição aconteceu sob Sisaque, mas não foi a única. Séculos depois, os assírios também destruíram a cidade durante a campanha de Senaqueribe, no reinado de Ezequias. Esse evento também está documentado na famosa Sala de Laquis, no palácio de Senaqueribe, em Nínive.

A muralha de Roboão em Laquis também é um símbolo da luta pela sobrevivência de Judá. Ela representa um tempo em que os reis precisavam lidar não apenas com ameaças externas, mas também com desafios internos, como idolatria e divisões políticas. Esse período nos ensina que, apesar dos grandes esforços humanos para garantir segurança e estabilidade, a verdadeira proteção de Judá sempre esteve nas mãos de Deus, como os profetas repetidamente advertiram.

Para ir além:

1. **Leia os seguintes capítulos da Bíblia: 1 Reis 2-3, 1 Reis 11 e 2 Crônicas 11-12.**
2. **Assista ao vídeo A pedra do túnel de Ezequias.**
3. **Leia o livro Escavando a verdade.**
4. **Assista à aula 7 (O Reino do Norte e o Reino do Sul) do curso Monarquia na plataforma A Bíblia Comentada.**

Perguntas para reflexão

- Como a decisão de Roboão de aumentar os impostos e os trabalhos forçados, em vez de aliviar a carga do povo, reflete a importância da humildade e da sabedoria na liderança? O que isso nos ensina sobre as consequências de decisões egoístas e autoritárias?

- Que paralelos podemos traçar entre a divisão do reino de Israel e as divisões políticas, sociais ou religiosas que vemos no mundo atual? Como podemos evitar os mesmos erros de desunião e idolatria?

- Como a descoberta da muralha de Laquis e dos jarros com selos reais (Lamelech) reforça a historicidade dos relatos bíblicos? Por que é importante ter evidências materiais que confirmem os textos sagrados?

- O que a história de Roboão nos ensina sobre a importância de ouvir conselhos sábios e tomar decisões que beneficiem o coletivo, em vez de priorizar interesses pessoais?

Anotações